

A "ACADEMIA DOS FELIZES" (1770) E A POESIA LATINA DE FREI ANTÔNIO DE SANT'ANA GALVÃO, RELIGIOSO FRANCISCANO

ENIO ALOISIO FONDA

1. *Curiosa e piedosa coincidência de dois eventos*

Em 1770, era Capitão-Geral e Governador da Capitania de São Paulo o Morgado de Mateus, D. Luís Antônio de Sousa Botelho e Mourão (1), cuja piedade se distinguia pela devoção a Sant'Ana, mãe da Virgem Maria.

Reza a tradição que esse delegado régio tenha sonhado certo dia com a existência, num desvão do Palácio do Governo da Capitania, outrora Colégio da Companhia de Jesus em São Paulo, de uma imagem de Sant'Ana. Tal sonho teria levado o Morgado a verificar o que haveria de exato nesse aviso onírico. As buscas teriam resultado, não sem grande surpresa, no descobrimento de um caixão fechado, contendo a imagem da Santa. Mandou então colocá-la num altar construído para esse fim na igreja do Colégio, contígua ao seu Palácio, e pelo orago que ali se instalou, foi consagrado a santa esposa de São Joaquim.

À invenção da imagem ligar-se-ia também a notícia alvissareira sobre as riquezas auríferas recém-descobertas no rio Tibagi, que correria sobre um verdadeiro leito de ouro (!).

(1) Nasceu a 21 de fevereiro de 1722. Escolhido a 14 de dezembro de 1764 por D. José I para restaurar a Capitania de São Paulo supressa em 1748, governou-a de 1765 a 1775. Faleceu em Mateus a 5 de outubro de 1798.

2. Sessão literária em comemoração dos eventos

Essa coincidência levou o Capitão-Geral a celebrar numa sessão literária tão extraordinários eventos. Principiou o delegado régio por fundar a primeira academia literária em terra paulistana, cognominada "*Academia dos Felizes*".

A assembléia inaugural, soleníssima, se realizou, em honra de Sant'Ana, na nave da própria igreja do Colégio a 25 de agosto de 1770, sob a presidência do Juiz-de-Fora de Santos, Dr. José Gomes Pimenta de Moraes, secretariado por um beneditino e assessorado por um franciscano e um carmelita, com a participação da intelectualidade paulistana e numerosa assistência "*por ser este ato nunca até o presente visto na cidade de São Paulo*".

Nela tomaram parte os acadêmicos: Dr. José Gomes Pinto de Moraes, natural de Trás-Montes como o Morgado de Mateus; os beneditinos Gaspar da Soledade Matos, Fernando da Madre de Deus, Felisberto Antônio da Conceição Belém; os franciscanos Joaquim de Sant'Ana, Joaquim de São José da Silva, Bernardino de Sena, Manoel de Santa Gertrudes Fogaça, José Mariano do Amor Divino, Francisco de Sant'Ana Mourato e Antônio de Santa Úrsula Rodvalho; os carmelitas Reginaldo Otávio da Encarnação Ribeiro, Joaquim Antônio Taques; o padre secular João Tibúrcio Domingues e os seculares: Dr. Luís de Campos, Dr. Antônio Fortes de Bustamante Sá, ambos advogados; Francisco Xavier Passos, mestre régio de Gramática, Lourenço José Botelho de Mesquita e Manoel Crispim que, com o Morgado, constituíam uma plêiade de 20 membros ao todo.

Em sete horas (a sessão teve início às 19 horas e terminou às 2 horas da madrugada) foram recitadas 68 peças em português, 59 em latim, 6 em espanhol, 1 em francês, 1 "*em língua de caboclo*" (tupi) e 1 em italiano. Ao todo 136 peças.

Por ser praxe da época prestar às autoridades constituídas o "mais respeitoso" preito de vassalagem, nenhum daqueles verzejadores e prosadores deixou de obedecer à mentalidade coletiva, generalizada, celebrando em prosa e verso, num imenso caudal de lisonjas, as glórias do Morgado. Não se deve esquecer que, no séc. XVIII, o absolutismo estabelecera como que um cânon de moral para que os perfeitos vassallos tementes a Deus tornassem alvo de suas lisonjas, preitos e homenagens artificiais e artificiosas os "ungidos do Senhor" e, por extensão, os seus delegados.

Diante de tantos e tão variados números em prosa e verso, mandou o Morgado coletar as produções literárias pronunciadas ou declamadas naquela primeira sessão literária e durante os festejos (2), cuidando para que a experimentada mão de um dos seus amanuenses copiasse tudo.

(2) A fundação da Academia liga-se aos festejos em honra de Sant'Ana, iniciados a 17 de agosto com uma folia de pretos pelas ruas, havendo entre eles inclusive estudantes de Teologia.

Toda essa literatura copiada chegou até nós graças ao desvelo do Morgado, num magnífico códice de bela encadernação, integrando hoje o acervo da Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

3. *Um pouco e história do "códice"*

O referido códice foi passar, não se sabe como nem porque (3), às mãos de Giuseppe Daniele, proprietário da "Libreria Antiquaria" em Nápoles (Itália), do qual o adquiriu o Sr. João Fernando de Almeida Prado para a sua opulentíssima "Brasiliiana".

Segundo um recibo encontrado na obra, esse códice custou, em 1927, a soma de 21.85 L., o que nos leva a crer tratar-se não de liras italianas, mas de libras esterlinas, em vista da importância e o volume da obra (134 f. inum., 34,5 x 22,5 cms.).

Por iniciativa benemérita do Prof. Antônio de Barros Ulhoa Cintra, quando Reitor da Universidade de São Paulo, o Instituto de Estudos Brasileiros, criado em 1961, foi dotado da Biblioteca e J. F. e Almeida Prado, constante também de manuscritos preciosos, entre os quais ocupa lugar de importância o Códice n.º 39, cujo título é: *Relação das festas públicas, que na cidade de São Paulo fez o Illmo e Exmo. Senhor Governador, e capitão general D. Luís Ant.º d' Souza em louvor da Senhora S. Anna com a ocasião de collocar, a sua Imagem em O Altar novo da Igreja do Collegio. Anno d' 1770.*

4. *Referências ao "Códice n.º 39" (em obras e jornais)*

Rosemarie E. Horch, em sua *Relação dos Manuscritos da Coleção "J. F. de Almeida Prado"* (4) (p. 102-104), oferece utilíssimos dados de referência ao Códice 39, e de grande valia para os estudiosos do grande valia para os estudiosos do assunto. Dada a importância dessas referências, achamos de bom alvitre reproduzir *ipsis verbis ac litteris* as informações que alinha:

- (1.) "Sobre este manuscrito há diversos artigos. Parece ser a única cópia até hoje conhecida, daí a sua importância para a literatura da época, assim como dos costumes.
- (2.) "Admite-se que o primeiro a mencionar este códice foi Artur Mota, em sua *História da Literatura Brasileira. Época de Transformação. Século XVIII.*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1930. Da p. 29 a 31 e 218-219 descreve bem as diversas manifestações.

(3) Pode ser que se trate de uma cópia enviada à «Arcádia Romana».

(4) Rosemarie E. Horch — *Relação dos Manuscritos da Coleção «J. F. de Almeida Prado»*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1966, 167 p.

- (3.) "Aureliano Leite em sua *História da Civilização Paulista*, 1954, escreve, referindo-se, entre outros, aos acontecimentos do ano de 1770:

"Realiza-se, aos 25 de agosto, na igreja do Colégio, solene sessão literária que passa à história com o nome de 'Academia dos Felizes'. Afonso Taunay chama-lhe 'primeira Academia Paulista de Letras'. (A primeira parte do artigo de Taunay, que leva este título, acha-se colocado numa folha e está incluído no volume). Contemporaneamente, celebram-se na Capital, retumbantes festejos às felizes notícias das conquistas do Tibagi..."

- (4.) "Em sucessivos artigos do 'Suplemento Literário' de *O Estado de São Paulo*, Helle Alves, descreve e comenta este códice e seus autores. (26-11-1960; 31-13-1960; 18-3-1961; 13-5-1961 e 15-3-1961).

- (5.) "Já Domingos Carvalho da Silva não havia examinado com vagar esta obra, pois em seu artigo "Uma pretensa 'Academia dos Felizes'" publicado no *Diário de S. Paulo* (24-2-1957, 3.^a Seção) escreve que "a denominação (Academia dos Felizes) não consta porém do códice do sr. Jan de Almeida Prado e que graças à gentileza do ilustre historiador e bibliófilo, tive oportunidade de examinar, embora superficialmente, tempo atrás".

- (6.) "Antônio Cândido em sua *Formação da Literatura Brasileira* (vol. I, p. 74) escreve sobre as academias literárias:

"A este propósito assinalamos que tais comemorações a pretexto de elogiar um poderoso, cultuar um santo ou celebrar um acontecimento, eram sutilmente utilizadas pelos participantes para um amplo movimento de elogio mútuo, graças ao qual marcavam-se e reforçavam-se as posições dos membros, constituindo mais um aspecto daquele mecanismo, já assinalado, de definição de status de letrados..."

- (7.) "Também Péricles da Silva Pinheiro em *Manifestações Literárias em São Paulo na Época Colonial* se refere a estas academias, e especificamente às de São Paulo:

"Em seu último quartel, o século XVIII em São Paulo registra ainda dois momentos de vida literária, o primeiro sob o governo do capitão-general D. Luís Antônio de Souza, em 1770, e, o segundo, sob o governo do capitão-general Bernardo José de Lorena, em 1791. São as duas únicas academias de que se tem notícia em terras paulistas e sob a aparência de comemoração de episódios religioso e natalício, numa e outra, respectivamente, mal escondem o propósito de bajular o delegado real na capitania. O produto da elucubração 'literária' dos que nela desempenham papel decisivo, todas de circunstância, revelam péssimo caráter e chata mediocri-

dade, salvando-se apenas uma ou outra peça de sabor popular e até folclórico. Tem, contudo, em particular a primeira, o privilégio de sacudir o marasmo da cidade e pela primeira vez interessar coletivamente numa prolongada reunião litero-dramática-musical todas as camadas da população. Pode-se dizer que são também as derradeiras manifestações de espírito no século XVII em S. Paulo..."

5. *Poetas latinos da "Academia dos Felizes"*

1. Pe. Frei Gaspar da Solenidade Matos, monge beneditino: 3 epigramas (p. 41b e 130b).
2. Pe. Frei Fernando da Madre de Deus, monge beneditino: 1 epigrama (p. 43b).
3. Pe. Frei Felisberto Antônio da Conceição Belém, monge beneditino: 1 elegia (p. 55b-56a).
4. Pe. Mestre Frei Joaquim de São José Silva, religioso franciscano: 1 elegia (p. 55b-57a) e 1 epigrama (p. 58a).
5. Pe. Mestre Frei Bernardino de Sena, religioso franciscano: 1 ritmo (p. 58b) e 3 epigramas (p. 59a-61a).
6. Pe. Mestre Frei Manuel de Santa Getrudes Fogaça, religioso franciscano: 5 epigramas (p. 61a-62a).
7. Pe. Mestre Frei José Mariano do Amor Divino, religioso franciscano: 5 epigramas (p. 63a-64a).
8. Pe. FREI ANTÔNIO DE SANT'ANA GALVÃO, religioso franciscano: ao todo 16 composições (p. 66b-70b). Cf § 6 e 8.
9. Pe. Frei Joaquim de Sant'Ana Silva, religioso franciscano: 5 epigramas e 1 carne (p. 71a-73a).
10. Pe. Frei Francisco de Sant'Ana Mourato, religioso franciscano: 1 epigrama (p. 73b).
11. Pe. Mestre Frei Joaquim Taques, religioso carmelitano: 1 epigrama (p. 85a).
12. Pe. João Tibúrcio Domingues, presbítero secular: 4 epigramas (p. 85b-86b).
13. Francisco Xavier de Passos, mestre régio de Gramática: 1 ode (p. 100a-101a) e 8 epigramas (p. 101b-108b).

6. *Participação de Frei Galvão na sessão literária*

Para a sessão inaugural de 25 de agosto de 1770 concorreu Frei Galvão com 16 peças, todas em latim (2 hinos, 1 ritmo, 12 epigramas e 1 ode), dedicadas ao Morgado ou a Sant'Ana, padroeira do seu nome em religião e Santa da devoção de D. Luís Antônio de Sousa Botelho e Mourão, Capitão-Geral e Governador da Capitania de São Paulo, e fundador da Academia.

O produto da "elocubração literária" de Frei Galvão não escapou ao caráter de praxe da época: também ele exagerou naquele mecanismo de artificialidade em que, sob pretexto de cultuar uma Santa, elogiou com santa ingenuidade a um poderoso. Diga-se, contudo, que os acadêmicos de 1770 fizeram justiça ao Morgado de Mateus, cuja administração fora tão profícua à Capitania, com o desbravamento e povoamento do Tibagi, de Guarapuava e Palmas, nos campos de Iguazu, Santa Catarina e Rio Grande do Sul até o estuário do Prata (5).

Pelo seu cargo devia o Capitão-Geral estar unido por laços de amizade ao Capitão-Mor de Guaratinguetá e Pindamonhangaba, Antônio Galvão de França, e por conseguinte também ao seu virtuoso filho franciscano Frei Galvão (6). Acresce ainda o fato do invulgar espírito religioso do Morgado: pertencia à Ordem Terceira de São Francisco; havia tomado o hábito em Amarante, Portugal, mas, transferindo-se para o Brasil, professou em São Paulo, na Capela da mesma Ordem, no Convento de São Francisco, aos 4 de outubro de 1766, festa do Seráfico Patriarca (7).

A produção literária, em metro latino, da autoria de Frei Galvão pode-se alinhar em:

1. *Hinos*

1.1. A Santíssima e gloriosíssima Ana é celebrada conforme o metro e as palavras eclesiásticas. *Cf.* Texto, I.

1.2. Hino conforme o metro e as palavras eclesiásticas. *Cf.* Texto, II.

2. *Ritmo*

Em encômio da mesma (Santa Ana). *Cf.* Texto, III.

3. *Epigramas*. Celebra-se a beatíssima Ana, colocada em altar novo.

3.1. Epigrama. *Cf.* Texto, IV.

(5) Tito Lívio Ferreira — *História de São Paulo*. São Paulo, Gráfica Biblios Ltda. - Editora, s.d., p. 32.

(6) *Cf.* § 7.

(7) Maristela — *Frei Galvão, Bandeirante de Cristo*. Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1954, p. 61.

- 3.2. Outro. *Cf.* Texto, V.
 - 3.3. Outro. *Cr.* Texto, VI.
 - 3.4. Epigrama. A beatíssima Ana, esperança firme. *Cf.* Texto, VII.
 - 3.5. Outro. Também esperança firme para o povo. *Cf.* Texto, VIII.
 - 3.6. Outro. *Cf.* Texto, IX.
 - 3.7. Epigrama. Esperança firme para o Governador. *Cf.* Texto, X.
 - 3.8. Outro. *Cf.* Texto, XI.
 - 3.9. Outro. *Cf.* Texto, XII.
 - 3.10. Outro. *Cf.* Texto, XIII.
 - 3.11. Epigrama. Louvor dedicado a Sant'Ana. *Cf.* Texto, XIV.
 - 3.12. Outro. *Cf.* Texto, XV.
4. *Ode.* Celebram-se as virtudes militares do ilustríssimo e excelentíssimo Senhor Governador. *Cf.* Texto, XVI.

7. *Traços biográficos de Frei Galvão* (8)

Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, que no século se chamava Antônio Galvão de França, era natural de Guaratinguetá, São Paulo. Não se sabe exatamente a data do seu nascimento por se haver perdido o livro de Registro de Batismos da Matriz de Santo Antônio na mesma vila, relativo aos anos de 1729-1740. Recebeu o Batismo na Matriz, cujo patrono, Santo Antônio, era também o seu, no ano de 1739, conforme consta de outros documentos canônicos. Esse fato leva a crer que nasceu naquele ano, ou em 1738, tendo-se em conta a piedade que distinguia seus genitores.

Filho legítimo de Antônio Galvão de França, Capitão-Mor de Pindamonhangaba e Guaratinguetá, natural da cidade de Faro (reino do Algarve, Portugal), e de Isabel Leite de Barros, filha de Gaspar Correa e Maria Leite Pedroso, de antigos troncos vicentinos, descendentes dos primitivos povoadores quinhentistas.

Com apenas 13 anos de idade, seus pais o enviaram a estudar no afamado Colégio dos Jesuítas, na Bahia (fundado em 1686 pelo célebre jesuíta Pe. Alexandre Gusmão), onde se achava um seu irmão mais velho.

(8) Os dados biográficos foram extraídos do Registro dos Religiosos Brasileiros, mandado abrir pelo Provincial Frei João de S. Francisco Mendonça, que governou a Província de 1803 a 1805 (p. 41 e 41 v.), transcritos em: Sor Miryam — *Vida do venerável servo de Deus Frei Antônio de Sant'Ana Galvão*. 2.^a ed. ampliada. São Paulo, Typografia Cupolo, 1936, p. 223-228.

Sentindo-se chamado à vida religiosa, escolheu a Ordem dos Frades Menores (franciscanos), tendo sido aceito pelo Provincial Frei Francisco da Purificação. Vestiu o hábito no Convento de S. Boaventura de Vila de Macacu, aos 15 de abril de 1760, professando no mesmo Convento a 16 de abril de 1761, com 21 anos de idade.

Foi admitido ao estudo de Filosofia no Convento de São Paulo a 24 de julho de 1762, depois de ordenado presbítero na cidade do Rio de Janeiro em junho do mesmo ano por Dom Frei Manuel do Desterro.

Só precisou fazer um ano de estudos para ser admitido à Ordenação sacerdotal graças à aplicação aos estudos, lúcida inteligência e à cultura que adquiriria no Colégio jesuítico (9).

A 23 de julho de 1768 foi eleito Pregador, Confessor de seculares e Porteiro do Convento de São Paulo. Tornou a ser eleito para as mesmas funções a 27 de janeiro de 1770, e também a 30 de janeiro de 1773.

A 13 de dezembro de 1777 foi nomeado Comissário da Ordem Terceira do Convento de São Paulo, tornando a ser nomeado para o mesmo cargo a 13 de março de 1792 e a 8 de maio de 1799.

No Capítulo celebrado a 6 de outubro de 1781 foi eleito Presidente e Mestre de Noviços do Convento de S. Boaventura de Macacu, porém Dom Frei Manuel da Ressurreição, Bispo de São Paulo, não o deixou tomar posse desse encargo, *"a fim de não privar seu bispado de tão virtuoso Religioso"*.

Aos 24 de setembro de 1796, por unânime consenso do Definitório e Discretório, foi-lhe concedido o privilégio de uma Presidência e uma Guardiania em atenção aos seus avultados merecimentos e serviços.

Na Congregação intermediária de 24 de março de 1798 foi eleito Guardião do Convento de São Paulo, opondo-se a esta eleição o Bispo e a Câmara de São Paulo. Julgava-se, então, que queriam afastá-lo da direção do Convento da Divina Providência (Recolhimento da Luz); por isso, o Prelado diocesano e a Câmara escreveram ao Provincial Fr. Joaquim de Jesus e Maria, solicitando a demissão da sua Guardiania.

Certificados, porém, de que apenas se procurou atender aos serviços de Frei Galvão e à necessidade de seus préstimos, ficaram todos em paz. O religioso, contudo, ficou no seu ministério até chegar o tempo do Capítulo Provincial em que devia assistir na qualidade de Vogal.

Celebrado o Capítulo, regressou para São Paulo a continuar a mesma direção espiritual e temporal do Convento da Divina Providência que já estava acabado e completo.

(9) Além de Filosofia, Frei Galvão estudou mais alguns anos a Teologia especulativa e moral, exigidas por determinação dos Superiores da Ordem, desde o Capítulo de 1687.

A 28 de março de 1801 foi novamente eleito Guardião do Convento de São Paulo. Por um Breve do Nuncio Apostólico, a pedido do Provincial Frei Antônio de São Bernardo Monção, passou a gozar dos privilégios de Definitor sendo impossado quando, pela segunda vez, veio votar no Capítulo celebrado no Rio de Janeiro. Voltou para São Paulo e continuou a direção do Convento da Divina Providência.

Por outro Breve do Nuncio Apostólico foi designado Visitador Geral, e Presidente do Capítulo no ano de 1808. Renunciou, porém, e não tomou posse do cargo por justas causas.

Faleceu aos 83 anos de idade no Convento da Luz (da Divina Providência) aos 23 de dezembro de 1822, onde se achava por consentimento dos Superiores da Ordem e do Prelado diocesano, em tratamento de saúde.

Querendo o Guardião do Convento de São Francisco sepultá-lo no jazigo conventual da Ordem, o povo de São Paulo requereu ao Bispo para que o deixasse no Convento da Luz, a que o Prelado houve por bem anuir dirigindo uma Portaria ao Superior daquele Convento.

Seu corpo jaz debaixo da lâmpada de Nossa Senhora e do Santíssimo, em uma sepultura que se abriu para esse fim, e que vive florida o ano todo. Verdadeira romaria diária se abeira da singela lápide que recobre seus restos mortais, e nos diversos dias 23, do ano todo, e todos os sábados, recrudescem a afluência dos visitantes ao jazigo aberto à visitação pública há 150 anos.

O anseio popular de que o humilde filho de São Francisco de Assis mereça a honra dos altares, inspirou a Dom Leopoldo Duarte e Silva e ao Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, ambos Arcebispos de São Paulo, a começar os trabalhos do processo postulatório da causa de beatificação de Frei Galvão.

8. *Texto — Tradução — Notas*

- I. *Hymnus*. Santissima (1), gloriosissima (2) Anna laudibus celebratur juxta metrum et ecclesiastica verba.

A métrica deste hino é vazada no *quaternário jâmbico*, chamado também *tetrapodia jâmbica* (= 4 pés jâmbos) ou *dimetro jâmbico* (= dois grupos de dois jâmbos). Note-se, porém, que no 1. e 3. pés, em vez de jâmbos é tolerado o espondeu.

- (1) Matrem Parentis Virginis
Laudemus omnes foeminam, (3)
Quae laudis excelsa gloria. (4)
Ara refulget inclita:

(1) Sanctissima.

(2) Gloriosissima.

(3) Feminam.

(4) Não se considere o ponto depois da palavra gloria.

- (ii) Haec mundi amorem noxium
Caelesti amore saucia
Hortatur omnes spernere,
Invitat ad caelestia:
- (iii) Haec supplicantes sublevat,
Arae locata in culmine
Terraeputitur (5) gloria,
Caeli putitur (5) pauidis;
- (iv) O'Anna, quae mortalibus
Clemens favores efficis,
Tuo precatu, quaesumus,
Nos ire caeli in praemium.
- (1) Louvemos todos a genitora da Virgem Maria, que refulge com excelsa glória no inclito altar do louvor.
- (2) Ferida de celeste amor, exorta todos a desprezar o nocivo amor do mundo, e os convida aos bens celestiais.
- (3) Socorre aos suplicantes, e, colocada no alto do altar, goza da glória da terra e frui também as alegrias do céu.
- (4) O'Ana, que clemente favoreces os mortais, nós te pedimos que por tua intercessão nos caiba em prêmio o céu.

II. *Hymnus*. Juxta metrum, et ecclesiastica verba. Ode.

É, quanto ao metro, uma ode em *estrofe sáfica menor*, constando de três sáficos e um adônio.

- (i) Ista, quae Mater Dominae, colentes
Quam pie laudant populi per urbem.
Duce supremus (6) meruit locata
Laudis honores.
- (ii) Casta quae prudens, humilis pudica
Peperit natam sine labe puram,
Cujus humanos animavit ardens
Spiritus artus.
- (iii) Annae ob excelsum meritum, frequenter
Sublevat caelum lacerata membra,
Et notis culpae miseris saluti
Restituuntur (7)

(5) Potitur.

(6) Supremos, concordando com honores.

(7) Cabe um ponto depois de Restituuntur.

- (iv) *Hinc pius noster canit obsequentes*
Populus laudes, celebratque festa,
Nos ut in caelum feret Anna clemens
Omne per aevum.
- (1) Esta, que é Mãe da Senhora, e a qual, piedosamente cultuando, louvam as gentes pela cidade, mereceu, depois de elevada à Guia, as supremas honras do louvor.
- (2) Sendo casta e prudente, humilde e pudica, deu à luz uma filha pura e sem mancha, cujos membros humanos o ardente Espírito animou.
- (3) Pelo excelso mérito de Ana, freqüentemente o céu alivia os membros lacerados que são restituídos à saúde, apesar das míseras manchas da culpa (pecado).
- (4) Por isso o nosso pio povo canta os obseqüentes louvores, celebra as festas para que Ana clemente nos leve ao céu para toda a eternidade.

III. *Rhythmus*. Ad ejusdam (8) encomium.

Composição livre em que cada verso obedece a uma metrificação própria.

- (i) *Ductor Musarum*(9)
Praesto in choreas
Invitet socias
Eburno pectine:
- (ii) *In plectrum grave*
Unda Aganipedis (10)
Ad plausus Principis
Fluat pereñiter.
- (iii) *Roret acumina*
Quae pulchritudinem
Contendunt Annae
Libenter plaudere:
- (iv) *Haec est caelicolae*
Dei Matris Parens,
Quam laudant Angeli
Cultu inëffabili:

(8) ejustem.

(9) Apolo, chamado «*musageta*» (= condutor das Musas, *ductor Musarum*).

(10) Aganipe: Ninfa do rio Permesse, que corre junto do monte Hêlicon, na Beócia. Foi transformada em fonte inspiradora dos poetas e consagrada às Musas.

(v) Hujus encomia
Curant extollere
Doctorum coetus
Tuma mirabili:

(vi) Tuba mirabili
Non satis laudant,
In corde potius
Laudate populi.

- (1) Que a Musageta convida presto, ao toque do ebúrneo plectro, suas companheiras para a dança em coro.
- (2) E que, sem cessar, as ondas de Aganipe fluam, como sons de plectro grave, em aplauso ao Príncipe.
- (3) Rorejem os estros que porfiam em aplaudir prazerosamente a beleza de Ana.
- (4) Esta é a Genitora da celeste Mãe de Deus, a quem louvam os Anjos com inefável culto,
- (5) e cujos encômios se esforçam por exaltar uma plêiade de doutores, com sonora tuba;
- (6) não conseguindo porém louvá-la bastante, louvai-a vós, ó povos, em vossos corações, de preferência.

IV. *Epigramma*. Beatissima Anna ara in nova collocat celebratur.

Os epigramas (12 ao todo) estão vazados no *distico elegiaco* (= hexâmetro + pentâmetro).

Virginis Alma Parens populo clamatur, abatur
Hujus sacra domus limina vadit, adit.
His tecum Laribus felix volo vivere verè,
Nunquam noster amor corde recedet, edet.
Est tibi nunc plausus praesentis temporis horis,
Virginis Anna Parens, qui modo clamat, amat.

V. *Aliud*.

Dicitur esse Parens Divum turrita Cybelles, (11)
Hocque ex mendacio gloria falsa venit.
Gloria vera tibi, Matrem quod eburnea Turris
Te colit, Anna Parens, Filia magna Parens.

(11) Cybele ou Cybela.

VI. *Aliud.*

Alta coruscanti speculantur sydera (12) caelo,
 Quando micans urben circuis (13), Anna, tuam.
 Hinc te mirantur populi, Lunamque vocantur, (14)
 Namque manent stellae te veniente, polo.

- (iv) A venerável Mãe da Virgem é aclamada e amada pelo povo que procura e visita os umbrais sagrados desta casa. Por isso quero viver feliz de tudo neste lugar. Jamais o nosso amor definhará e cessará. Estás recebendo agora, ó Ana, Mãe da Virgem, o aplauso das horas deste ato, que traduz amor e aclamação.
- (v) Cibele coroada é chamada mãe dos deuses, e desta mentira advém-lhe a falsa glória. Glória verdadeira cabe a ti, porque a Torre ebúrnea, tua Filha e excelsa Mãe, te cultua, ó Mãe Ana.
- (vi) As altas estrelas espreitam no céu coruscante, quando rútila percorres a tua cidade, ó Ana. Por isso te admiram os povos e te chamam Lua; pois, à tua presença, as estrelas se reduzem ao céu.

VII. *Epigramma.* Beatissima Anna Ill.mo, Ex.mo Domino spes firma.

Sors erat in cella, cujus de pulvere bella
 Tradita forma polo nunc patefacta solo.
 Sic inventà Annà thesauro (somnia sana)
 Aurea Ductor ibi cuncta reperta tibi. (15)

VIII. *Epigramma.* Etiam populo spes firma.

In cantu populi laudant, in sydere (16) caelum,
 Anna sacratas ingrediente Lares;
 Sors promissa venit, signis felicibus, intrat,
 Anna bonis avibus sydere (16) sive bono.

IX. *Aliud.*

Conspiciunt bellae te caeli ex cardine stellae,
 Mirantes plenas luce micante genas.
 Gens tibi clamores offert, et praestat amores
 Nostraque formosas dant tibi prata rosas:
 Florida devenint Anna, fugientque profana,
 Ver manet urbe mea *germinis* alma Dea.

(12) sidera.

(13) circumis.

(14) O certo seria *vocant*.

(15) Alusão dupla: ao encontro da imagem de Sant'Ana, em sonho, e às notícias do descobrimento de abundante ouro no rio Tibagi.

(16) sidere.

- (vii) A sorte estava no esconderijo, de cujo pó surgiu a bela imagem, agora descoberta graças unicamente ao céu. Assim, descoberta Ana qual tesouro (ó sonhos são!), todas as áureas riquezas aí foram descobertas, ó Governador !
- (viii) Os povos com seu canto e o céu com seus astros louvam a Ana ao entrar no templo sagrado. A sorte prometida se realiza através de felizes indícios: Ana entra com bons presságios ou com boa estrela.
- (ix) As belas estrelas te contemplam da soleira do céu, mirando com sua brilhante luz as tuas plenas faces. O povo te oferece as suas aclamações e te tributa os seus amores; e as campinas te ofertam suas rosas formosas. Elas florirão por intercessão de Ana, e fugirão das coisas profanas; a primavera é perene na minha cidade, ó Deusa nutriz de rebentos.

X. *Epigramma.* Anna gloriosissima Il.mo, Ex.mo Domino spes firma.

Invenit Anna Ducem, meritos qui curet honores,
Perditus in nullo tempore, Ductor, eris.

XI. *Aliud.*

Ut levis Empyreum subeas, dignissime Princeps,
Das numos Annae nunc pietate graves.

XII. *Aliud.*

Nempe tuas, Princeps, virtutes (17) horrifera hostis
Odit perversus bella cruenta gerens.
Exilit ille putans te victum spernere, verum
Adjuvat in pugnas haec tibi firma salus:
Ambitionis erat, qui damna patraverat, ignis:
Splendes tu radiis, uritur ille foco.
O felix Princeps, nullo discrimine victus,
Anna potens quando dicitur Anna Parens.

- (x) Ana acaba de encontrar um Chefe que lhe cuide das merecidas honras; em tempo algum, ó Chefe, te verás perdido!
- (xi) Para entrares ligeiro no céu, digníssimo Príncipe, a Ana estás dando dinheiro, agora valioso pela tua piedade.
- (xii) Sem dúvida, ó Príncipe, o horrível e perverso inimigo, movendo guerras cruentas odeia as tuas virtudes. Ele pula, pensando desprezar-te, ven-

(17) Alusão às hostilidades entre portugueses e espanhóis no Rio Grande do Sul e no sul de Mato Grosso, onde o Morgado de Mateus fundara o presidio de Iguatemi ao mesmo tempo que viria a enviar recursos de homens e elementos bélicos de sua Capitania às forças em campanha.

cido; mas esta firme salvação (Ana) te ajuda nos combats. Era o fogo da ambição que te jurara danos. Enquanto tu esplendes com os teus raios, ele se consome em seu fogo. Ó Príncipe feliz, jamais vencido em momentos decisivos, Ana é poderosa, porque é Mãe (da Virgem) !

XIII. *Aliud.*

Tartareae exurgant in proelia dira phalanges
In nostrumque ruat gens inimica Ducem:
Semper Victor erit, semper victoria semper:
Sufficit una potens, sufficit una salus.

XIV. *Epigramma.* Laus B.mae Annae consecrata.

Aurora in tenebris, et tero in pulvere *sydus*, (18)
Sol obscuratus, visitur atra *dies* (!)
Temperet a lachrimis (19), Princeps, quis talia fando!
Temperet a gemitu talia quisque videns !
At modo siste, precor, ter te *Lux* inclita surgit
Pulchior *Aurora* *sydere* (20), sole die.

XV. *Aliud.*

Salve, Santa (21) Parens, Genitricis digna Tonatis (22)
Hujus regificalae (23) gloria magna domus.
Salve multoties, et centum millia (24) salve,
Terra, (25) plus quando millia (24) mille canit.

- (xiii) Levantem-se em cruéis combates as falanges tartáreas, e a gente inimiga se precipite contra o nosso Chefe! Será sempre vitorioso, e sempre, sempre, haverá vitória: basta-lhe uma só poderosa, basta-lhe uma única salvação (Ana).
- (xiv) *Aurora* nas trevas, e *astro* no negro pó, sol obscurecido; negro dia se depara! Ó Príncipe, quem ao dizer tais coisas poderia reter as lágrimas? E quem, vendo-as, poderia abster-se de gemidos? Mas, eu te peço, detém teus passos já: por ti surge a inclita luz, mais bela que a *Aurora*, os astros, o sol, o dia.
- (xv) Salve, ó Santa (Ana), digna da Mãe de Deus, grande glória desta estirpe regificalae. Salve muitas vezes, salve cem e mil vezes, enquanto a Terra entoa mil vezes cantos mil.

(18) *sidus*.
(19) *lacrimis* ou *lacrymis*.
(20) *sidere*.
(21) *Sancta*.
(22) *Tonantis*. *Tonans* (tonante), epíteto de Júpiter (=Deus).
(23) Alusão à descendência de David (cf. Mat. — *Evang.* 1, 1-17).
(24) *millia*.

XVI. *Ode*. Illustrissimi, Excellentissimi Domini militares virtutes celebrantur.

O metro desta ode é aquele empregado por Horácio na *Ode* I,9 (*Vides ut alta...*): estrofe alcaica.

- (i) Tumultuantes horrida fulmant
Gentes per orbem praelia, (26) concitat
Et fama rectores plagarum,
Terrificat simul astra clamor.
- (ii) Mox proelior providus agmina
Exercet, omnes ut violentior
Deturbet exurgens (27) in hostes
Dux Loduix, (28) Pater ipse pacis.
- (iii) Dacet phalanges militiam rudes
Discriminatas quadrupedantium
Paratque turmas in plateis,
Atque Duces celebrare pugnam.
- (1) Povos tumultuantes travam, por toda terra, hórridos combates, e a fama concita os condutores de bandos, ao mesmo tempo que o clamor terrifica os astros.
- (2) Sem demora o pródigo lutador se põe a treinar seus regimentos, para que mais violento, o Chefe Luís, verdadeiro Pai da paz, levantando-se contra os inimigos, os derrube a todos.
- (3) Ensina à milícia as rudes formações discriminadas da cavalaria e prepara as companhias nas praças e seus chefes para travar a batalha.
- (iv) Adire gentes per loca subdita
Curat scientes, ut Domini colant
Inculca, (29) qui tendant per arcta,
Et superent tribulos viarum.
- (v) Scrutantur omnes hi penetralia. (30)
Telluris, et mira inveniunt nova;
Trahuntque felices metalla
Flava tua veneranda in urbe.
- (vi) Parantur arces rite potentibus
Armis in hostes, in nova praelia (31)

(25) Terra é sujeito de canit.

(26) proelia.

(27) exurgens.

(28) Emprega a forma Loduix por exigência métrica, quando o nome próprio «Luís» corresponde, em latim, a Ludovicus ou Aloisius.

(29) Cf. número que provoca a nota n.º 5 do § 6.

(30) O ponto depois de penetralia não deve ser considerado.

(31) proelia.

Fortasse nobis profutura,
Ne subito venant (32) in urbem.

- (vii) Augere curans imperium sui
Regis coronae, cujus amabilis
Petit labores in sudore
Et gemuit, gemit atque praesens.
- (viii) Ó nostra felix pro Duce Principe
Urbs imperanti! Nunc generosior
Impelle clangores tubarum
Ad meritos Loduix (33) honores.
- (4) Cuida em levar aos lugares submetidos gente civilizada, para que colonizem as terras incultas do seu Senhor (Rei); que marchem por vias estreitas e superem os cardos dos caminhos.
- (5) Todos estes perscrutam os lugares mais retirados daquelas terras e descobrem admiráveis novidades; e, felizes, extraem o flavo metal na tua veneranda cidade.
- (6) Preparam-se convenientemente baluartes com armas poderosas contra os inimigos, para novos combates que talvez se nos ofereçam, a fim de não irromperem inesperadamente na cidade.
- (7) Procurando ampliar o império da coroa de seu Rei, e, que por amá-la, busca trabalhos a resudar, gemeu outrora e ainda geme presentemente.
- (8) Ó nossa feliz cidade, graças ao Príncipe que impera como guia! Agora, mais generosa arroja os clangores das tubas para as merecidas honras de Luís!

9. Breves considerações sobre a poesia latina de Frei Galvão

Pelo que Frei Galvão nos deixou em versos latinos, não lhe podemos reconhecer estro e grandes vãos poéticos. Sua poesia é, como podemos constatar, um daqueles exercícios tão em voga entre os alunos da Companhia de Jesus, obrigados a compor circunstancialmente por uma tradição que remonta aos ditames da *Ratio Studiorum*, que os quer exímios latinistas. Neste particular reflete Frei Galvão o que aprendera quando aluno do Colégio jesuíta de Belém, na Bahia, no qual ingressara aos 13 anos de idade, em 1752, dele saindo só em 1757 (34).

(32) veniant.

(33) A lógica exigiria *Ludovici* (genitivo), a não ser que o imperativo *impelle* se refira ao Morgado (Luís), e não a *urbs*; pouco provável. Para o nome próprio *Loduix* cf. nota n.º 28.

(34) Um documento da Cúria Arquiepiscopal de São Paulo nos revela que a 1.º de janeiro de 1753 Antônio Galvão de França encontrava-se em São Paulo onde prestou depoimento a favor de seu irmão José Galvão de França.

Preso mais à forma do que propriamente à inspiração, parece-nos antes um esforçado metrificador, o mais das vezes bem sucedido, mas sem a graça natural de um poeta nato, capaz de suscitar no leitor qualquer sentimento de admiração. Não se pode, contudo, negar-lhe a presença de sentimento religioso e patriótico, embora prejudicados pela "centonização" que não esconde, máxime quando se limita a imitar os hinos do *Breviário Romano* (35).

Verdadeira "colcha de retalhos", a poesia latina de Frei Galvão merece um estudo à parte para se descobrir até que ponto ela apresenta originalidade e individualidade, e até onde ela sofreu a influência da arte centônica, não menos admirável, conquanto manejada segundo as normas que a regem (36).

(35) Frei Galvão encimou os hinos I. e II. com estes dizeres: «Justa ecclesiastica verba», o que nos leva a crer tratar-se de verdadeiros «centões», cujos modelos talvez repousem nos hinos do *Breviário Romano* anteriores à reforma iniciada por Pio X, em 1911.

(36) Sobre o «centão» leia-se o nosso trabalho: Enio Aloisio Fonda «O 'centão' poético na Literatura Latina», in: *Revista de Letras*, F.F.C.L. de Assis, vol. V, 1964, p. 125-148.